

MÁRIO MAESTRI

Abdias do Nascimento: Quilombola ou Capitão-do-Mato?

***Ensaaios de interpretação marxista sobre
a política racista para o Brasil***

PORTO ALEGRE RS

2021

2ª edição revista e ampliada



Abdias do Nascimento: quilombola ou capitão do mato?

Capa:
Ilustração

Diagramação
Tiaraju de Almeida
MTE RS 16.669

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Maestri, Mário

M186a Abdias do Nascimento: quilombola ou capitão-do-mato? Ensaios de interpretação marxista sobre a política racialista para o Brasil. / Mário Maestri. – Porto Alegre: FCM 2ª Ed. 2021.
118 p.

ISBN: 978-85-67542-24-9

1. Marxismo 2. Racismo. 1. T.

CDD 20.ed. 335.43

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Beijo - CRB-9/965

2021



FCM EDITORA

maestri1789@gmail.com



Conselho Editorial

Coleção Malungo

Presidente de Honra: **Dr. José Capela, Porto, Portugal.** (*in memoriam*)

in memoriam

Clovis Moura

Jacob Gorender

Manuel Correia de Andrade

Théo Lobarinhas Piñeiro

Coordenador Geral: **Dr. Mário Maestri, PPGH da UPE, RS.**

Dr. **Adelmiir Fiabani**, Unipampa, Jaguarão, RS.

Dr. **Arlindo Manuel Caldeira**, Centro de História de Além-Mar, Lisboa, Portugal.

Dr. **Christian Cwik**, University of the West Indies, St. Augustine, Trinidad and Tobago.

Dr. **Dale T. Graden**, Guggenheim Fellowship, USA.

Dr. **Diego Buffa**, Universidad Nacional de Cordoba, Argentina.

Me. **Eduardo Ramón Palermo**, Rivera, Uruguai.

Me. **Elaine Cancian**, UFMS, Corumbá, MS.

Dr. **Ernesto Mora Queipo**, Universidad de Zulia, Venezuela.

Dra. **Ester Judite Bendjoya Gutierrez**, UFPel, Pelotas, RS.

Dra. **Florence Carboni**, UFRGS, RS.

Dr. **Geraldo Silva Filho**, UFT, Tocantins.

Dr. **Gabino La Rosa Corzo**, Academia de la Historia de Cuba. La Habana.

Dr. **José Rivair Macedo**, UFRGS, Porto Alegre, RS.

Dr. **John Antón Sánchez**, FLACSO, Equador.

Dra. **Maria do Carmo Brazil**, UFMS, Dourados, Mato Grosso do Sul.

Me. **Maria José Becerra**, Universidad Nacional de Cordoba, Argentina.

Dra. **Marília Conforto**, UCS, Caxias do Sul, RS.

Dra. **Mercedes García Rodríguez**, Instituto de Historia de Cuba, La Habana.

Dr. **Muniz Ferreira**, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Dr. **Paulo M. Esselin**, UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Dr. **Solimar Oliveira Lima**, UFPi, Teresina, Piauí.

Dra. **Valéria Regina Zanetti de Almeida**, Univap, São Paulo.

Em memória do camarada e amigo Clóvis Moura; para os colegas e companheiros de ideais e lutas Solimar Oliveira Lima e Jorge Euzébio Assumpção. Para Florence Carboni, parceira de todas as aventuras.

Pouca Escola e Salário, Muita Prisão e Morte

Mário Maestri

Há uns 20 anos, na administração final de FHC, o ministro Paulo Roberto Souza sugeriu a adoção de políticas de “discriminação positiva” como forma de combate às “desigualdades raciais”. Críticos lembraram o caráter inócuo e desmobilizador das propostas, importadas dos USA. A partir de 2002, aquelas propostas foram transformadas em cavalo de batalha das administrações petistas, com ênfase nas “cotas raciais” universitárias. Com o PT na presidência, amainou a oposição a essas iniciativas, apoiadas pelo FMI, pelo Banco Mundial, etc. Milhares de lideranças sociais foram cooptadas pela participação direta e indireta na administração do Estado. Em geral, se propôs que, aquelas políticas, se não era o necessário, era alguma coisa. Vivíamos, como ainda vivemos, o dramático retrocesso e desencorajamento no programa dos trabalhadores como solução da crise que impera, resultado da vitória histórica da contra-revolução neoliberal em fins dos anos 1980.

Em 2016, ao encerrarem-se abruptamente os quatorze anos da Era Petista, aprofundavam-se já as duras condições de existência da população brasileira, sobretudo dos setores mais desprotegidos, entre eles, as classes trabalhadoras e populares afro-descendentes. Realidade radicalizada pelo golpismo que teve as portas do poder escancaradas pela longa gestão social-liberal de Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Agravavam-se igualmente as condições dos populares negros, esmagados também pelo racismo, mantido e metamorfoseado pelo capitalismo como instrumento de “renda marginal” econômica e política do capital.

Na Era Petista (2002-2016), explodiu o massacre policial-militar e o encerramento prisional de jovens negros e pardos trabalhadores e pobres. Nos quatorze anos daquele governo, avançou a trote-galope, em forma relativa e absoluta, o ensino universitário privado. Como jamais, a população teve que arcar com os gastos de saúde. As administrações petistas arbitraram salários mínimos somáticos; aceleraram as privatizações; economizaram na educação e na saúde; facilitaram o escorcho da população pelo capital bancário e financeiro; chafurdaram na corrupção. Jamais a UNE chamou o estudantado para reivindicar universidade pública para todos. A mobilização estudantil acaba de avançar no Chile a luta pela gratuidade universal do ensino universitário, como era ante do golpe de 1973. A pedido dos USA, militares brasileiros ocuparam o Haiti e treinaram a repressão nas favelas. Instituiu-se tropa repressiva policial federal e decretou-se lei “anti-terrorista” contra as mobilizações populares. E a lista segue. Nada disso fazia parte da natureza inarredável das coisas, mas foram *políticas públicas* das ditas “administrações populares”.

No Brasil, após sete anos de exílio, dediquei-me por longo tempo à história da escravidão colonial no Brasil, a partir da compreensão do trabalhador escravizado como demiurgo do passado pré-1888. Como historiador e militante, pronunciei-me sobre as origens do racismo e, episodicamente, sobre a política e a ideologia racialistas. Em geral, foram artigos breves para pequenos jornais, revistas e sítios eletrônicos de difícil acesso ou que não mais existem. A repercução do debate “O Marxismo e a questão racial: as cotas”, ao retomarem-se, em 6 de janeiro de 2017 as atividades do Centro de Estudos Marxistas do RS, ativo nos anos 1995-2002, reafirmou a importância e interesse do tema. Ao preparar minha exposição, recuperei alguns daqueles breves textos dispersos, entre eles, o pronunciamento sobre as propostas do

livro *O quilombismo*, de Abdias do Nascimento, que intitula o presente ensaio. Publicado no semanário *Em Tempo*, em 1980, em plena ditadura militar, foi meu primeiro pronunciamento sobre a proposta de políticas racialistas.

A maioria dos artigos aqui apresentados critica as políticas de “discriminação positiva” restritas a pequenas parcelas da população, por não discutirem e lutarem minimamente pelas “políticas públicas” imprescindíveis às ditas minorias, de abrangência não restritiva. Críticas extensivas à despreocupação com as raízes históricas do racismo. Aborda-se igualmente o racismo como estratégia do grande capital para desorganizar a centralidade do mundo do trabalho na luta social e para impugnar o programa anti-capitalista e socialista.

Realizamos pequenas correções de estilo e outras. As interpolações para eventuais esclarecimento foram colocadas entre colchetes. Por retomar diversas vezes a mesma questão, há repetições de idéias e mesmo textuais em alguns artigos, inevitáveis devido à publicação sem cortes dos mesmos como se apresentaram originalmente.

Mário Maestri

Beco Passo da Batalha, Lomba do Pinheiro, 16 de janeiro de 2018

Breve Comentário à Segunda Edição

Praticamente três anos após a publicação, reapresentamos *Abdias do Nascimento: quilombola ou capitação do mato?*, em uma segunda edição corrigida e aumentada. Três anos pesados, em que o golpismo se estabeleceu e se consolidou, praticamente sem oposição efetiva, golpeando duramente sobretudo os setores mais explorados e desprotegidos da população.

Período em que a sociedade e o mundo do trabalho conheceram arrasamento geral jamais conhecido em nossa história republicana. Desastre social associado à pandemia terrível que, neste último ano, se espalhou através do país sob o tacão de generais, político e juízes venais, sempre obsequiosos e às ordens do grande capital e do imperialismo.

Nesse período, enquanto o mundo do trabalho desabava como referência social e política, as visões, propostas e políticas identitárias —*racialistas*, no caso— conheceram invulgar desenvolvimento, apoiadas pela grande imprensa, pela Justiça, pelas organizações da oposição colaboracionista, tradicionais e novas, entre elas, não poucas se reivindicando do marxismo.

Incorporamos três artigos à presente edição, todos abordando o racismo: “O identitarismo negro está comendo a esquerda por uma perna”, de 31 de outubro de 2020”; “Jeferson Tenório: o Rio Grande do Sul como um Mississippi nos Pampas”, de 2 de dezembro de 2020, e a

“Guerra dos Hinos: Racismo, Racialismo e Identitarismo no sul do Brasil”, de 19, janeiro de 2021. Todos eles publicados na grande imprensa virtual, praticamente sem resposta. Entretanto, cremos que eles contribuíam em algo para dimensionar a importância enorme que tal questão assume para a esquerda marxista e classista. Ainda mais que, com a derrota do republicano *outsider* Donald Trump e a vitória de *Joe Biden Junior*, o *identitarismo* de raça, gênero, sexo conheceu consagração política inusitada, já que política oficial da versão *democrata* do imperialista ianque.

Nesse contexto geral, brasileiro e internacional, a discussão e superação das propostas identitárias, pequeno-burgueses e colaboracionistas, tornaram-se um imperativo. Isto porque o *identitarismo* constitui um indiscutível entrave à difícil e complexa conformação do imprescindível pólo de resistência classista e socialista à barbarização social que avança a trote galope especialmente em nosso país.

Como proposto, publicamos os artigos como editados, de 1980 a 2021, com repetições de temas e mesmo textual, para não descaracterizar a edição original.

Gênova, 15 de fevereiro de 2021.

Apresentação

O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão colonial. E quando o fez, em 13 de maio de 1888, sobre este marco histórico, muitas narrativas se espalharam até os dias atuais, comuns entre o povo e nos bancos escolares do ensino médio e fundamental. A primeira é que uma princesa boazinha libertou os escravos e, a segunda, que foi tudo uma mentira, que somos escravos até hoje. Mas, independentemente da narrativa, o fato é que a escravidão e sua herança deixaram marcas na constituição do Estado e da sociedade brasileira, na formação da classe operária, do proletariado e mesmo da burguesia. Portanto, é fundamental e necessário ir além das narrativas superficiais e utilizar o materialismo histórico para conhecer nosso passado e, é claro, compreender e transformar o presente.

Para esta reflexão, é imensurável a contribuição e compreensão dos artigos reunidos no ensaio ***Abdias do Nascimento: quilombola ou capitão-do-mato? ensaios de interpretação marxista sobre a política racialista para o Brasil***, do historiador Mário Maestri. Pois, além da apresentação da materialidade dos acontecimentos - diga-se de passagem, como poucos autores fizeram nessa apaixonante discussão - o autor respeita a dialética e a coerência do desenvolvimento dos acontecimentos históricos, em uma impressionante conexão e coerência entre os artigos mais antigos e os mais recentes.

Do acalorado debate com o Sr. Abdias Nascimento, em artigo publicado no jornal **Em Tempo**, em 1982, onde Mário Maestri é claro

e objetivo: “O prof. Abdias [aponta], sem dúvida, um caminho para as elites negras. É hoje conhecido acadêmico, professor, escritor, conferencista necessário de todos os encontros africanistas internacionais. Outro caminho seria o do mulato quase gigante [Carlos Marighella], que, há poucos anos deixou - sejam quais forem nossas divergências com sua concepção [de luta] - o seu nome marcado a ferro vivo nos corações da esquerda e das vanguardas populares brasileiras. Um outro caminho, mais sofrido, divergente. Mas quem melhor que ele merece o nome de quilombola!”

Ao irretocável artigo “O Marxismo e a Questão Racial: as Cotas”, apresentado em Conferência no Plenarinho da UFRGS, onde escreve claramente: “O elemento central dissociativo da proposta racialista é que não propõe a luta pelo fim da exploração, mas a integração equânime e escalonada na sociedade de classe das diversas comunidades étnicas imaginadas que comporiam a nação - européia, africana, americana, etc. Não haveria contradição entre ricos e pobres, explorados e exploradores, se entre os privilegiados houver número proporcional de afro-descendentes. Um negro morando na avenida Carlos Gomes [privilegiada avenida de Porto Alegre] é conquista histórica para os que seguem apanhando da polícia na periferia. Ele aumenta suas auto-estimas e prova que eles também podem chegar lá!” “Consolidaria-se assim no Brasil a visão do liberal-capitalismo yankee que nega ontologicamente a possibilidade da construção de sociedade democrática, fraterna e igualitária, propondo como utopia máxima que as raças e culturas vivam, lado a lado, com seus representantes negociando o direito às mesmas oportunidades formais, no contexto de desigualdade estrutural capitalista, proposta como natural. Visão que põe fim não apenas ao princípio da união dos explorados como ao princípio de comunidade nacional e classista.”. *Bingo!*

Em tempos de pós-modernismo, de capitulação e de prostração das organizações e partidos políticos populares impulsionados por um imenso retrocesso intelectual e social; em uma situação onde universidades e ONG's - alimentadas por poupadadas doações de bilionárias fundações a serviço da manutenção da ordem capitalista e imperialista - formam contingentes de multiplicadores e de facilitadores do racismo, Mário Maestri não se rende e mostra com rigor acadêmico “os bois, o nome dos bois e os donos da boiada”.

Em 2017, houve uma enorme comoção sobre as situações da UERJ e da USP, duas das principais universidades do país. A Universidade Federal do Rio de Janeiro foi ameaçada de fechamento, com dívidas monstruosas, falta de salários etc. Na USP, o mesmo cenário: atrasos a fornecedores, ameaça de fechamento do Hospital Universitário, cierre de creches e enorme repressão policial. Justamente no ano passado, coincidentemente, na USP, o mesmo Conselho Universitário e Reitoria, que aprovaram aqueles ataques que levam à precarização e à perda de capacidade de produção da universidade, também aprovaram “cotas sociais” com “recortes raciais”. E a UERJ, a primeira universidade a adotar o sistema de “cotas” em 2004, vive hoje processo de sucateamento e ameaças de privatização.

É óbvio que tais ataques não são fruto da política de “cotas raciais”. Mas eles são a prova cabal de que essas políticas são ineficazes para a inclusão e permanência nas universidades dos mais pobres, dos negros - ainda mais que são os mais aptos que conseguem passar no vestibular e ter acesso às universidades públicas. E nós sabemos que os mais pobres não estão e não estarão jamais entre os capazes de passar no funil do vestibular.

Realidade resumida em extrato do artigo “A Guerra dos Turbantes”: “Entretanto, mesmo os poucos privilégios permitidos pelas políticas racialistas já fazem parte também de um passado em superação. O capital imperialista pôs fim às concessões sociais pontuais que acompanhavam as políticas liberais. Políticas que justificaram e alimentaram em boa parte a era petista. Com elas estão sendo enviadas para as calendas as propostas ‘compensatórias’ e as promoções sociais exemplares. Ato inicial do governo Temer foi pôr fim ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Muito logo, o financiamento nas universidades privadas serão feitos a juros de mercado, entregando-se com o diploma ao formado dívida que jamais poderá pagar, como habitual nos USA. Já se iniciou, também, o desmonte das escolas universitárias públicas, em perspectiva de privatização das mesmas, através da cobrança de anuidades.”

A intensidade e de certa forma a dramaticidade da aplicação das políticas racialistas no Brasil e no mundo requer de todos e de todas que compreendam que o mundo é dividido entre a meia dúzia de bilio-

nários que tudo podem e bilhões de seres humanos que lutam cotidianamente para sobreviver. Que havemos de criar as condições objetivas e subjetivas para transformar radicalmente este mundo! E, para tal, a leitura desta coletânea de artigos é imprescindível.

Boa leitura

José Carlos Miranda

Sumário

Pouca Escola e Salário, Muita Prisão e Morte	7
Breve Comentário à Segunda Edição.....	10
Apresentação	13
O Marxismo e a Questão Racial: as Cotas	19
A Guerra dos Hinos	29
Jeferson Tenório: o Rio Grande do Sul como um Mississipi nos Pampas.....	45
O Identitarismo Negro está comendo a Esquerda por uma perna	55
A Guerra dos Turbantes	73
1888: A Revolução Abolicionista no Brasil	85
Origem e Consolidação do Racismo no Brasil	101
Brasil: da luta social à luta racial.....	111
Divisões muito perigosas.....	117
Raça, Classe e Política no Brasil.....	123
Cotas destróem princípios de igualdade	129
A racialização do Brasil	137
Um mundo em branco e preto.....	143
Abdias do Nascimento: Quilombola ou Capitão-do-Mato?	149
Nossa África: a Mãe Expoliada	155